

II. Hipócrates e o "Corpus Hippocraticum"

• Hipócrates de Cós (sécs. V-IV a.C.) pode ser considerado o fundador da medicina científica, ou da medicina conduzida sobre bases racionais.

Autonomia
e dignidade
da medicina
→ § 1-5

Os pontos fundamentais de seu saber são os seguintes:

- 1) separou claramente o conteúdo científico da medicina em relação a todas as crenças religiosas que acompanharam seu nascimento;
- 2) considerou o homem e sua saúde não como realidades isoladas, mas como parte de um conjunto de fatores mais amplo, que pode ser não só o ambiente circundante, mas também as instituições políticas;
- 3) defendeu a autonomia da ciência médica em relação à filosofia: com efeito, enquanto esta vê o homem em geral, a medicina trata do homem concreto e de sua saúde física, relacionada com seu próprio ambiente;
- 4) definiu de modo quase perfeito o quadro ético dentro do qual devia agir o médico e mover-se a sua pesquisa.

• Políbio, talvez um discípulo de Hipócrates, sistematizou no tratado *Sobre a natureza do homem* os conteúdos doutrinários do pensamento do mestre, conforme um esquema que se tornou clássico, que relacionava os quatro humores (sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra) com quente, frio, seco e úmido, e com as quatro estações. A doença e a saúde eram vistas como dependentes do desequilíbrio ou do equilíbrio dos quatro humores.

A teoria
dos humores
→ § 6

1 Hipócrates, fundador da ciência médica

Dissemos acima que Hipócrates é o "herói fundador" da medicina científica. Infelizmente estamos muito mal informados sobre a sua vida. Parece que viveu na segunda metade do séc. V e nas primeiras décadas do séc. IV a.C. (conjecturalmente, alguns propõem as datas de 460-370 a.C., mas são datas aleatórias). Hipócrates foi o chefe da Escola de Cós e ensinou medicina em Atenas, onde Platão e Aristóteles o consideraram como o paradigma do grande médico. Ficou tão famoso que a antiguidade nos legou sob o seu nome não apenas suas obras, mas também todas as obras de sua Escola e, melhor dizendo, todas as obras de medicina dos sécs. V e IV. E assim nasceu aquilo que é designado como *Corpus Hippocraticum*, constituído por mais de cinquenta tratados, que representa a mais imponente documentação antiga de caráter científico que chegou até nossas mãos.

Os livros que podem ser atribuídos a Hipócrates com certa margem de probabilidade, ou que podem ser considerados reflexos de seu pensamento, são: *A medicina antiga*, uma espécie de manifesto que proclama a autonomia da arte médica; *O mal sagrado*, polêmica contra a mentalidade da medicina mágico-religiosa; *O prognóstico*, que constitui a descoberta da dimensão essencial da ciência médica; *Sobre as águas, os ventos e os lugares*, na qual evidenciam-se os laços entre doenças e meio ambiente; as *Epidemias*, que são uma formidável coletânea de casos clínicos; os famosos *Aforismos* e o célebre *Juramento*, do qual falaremos adiante.

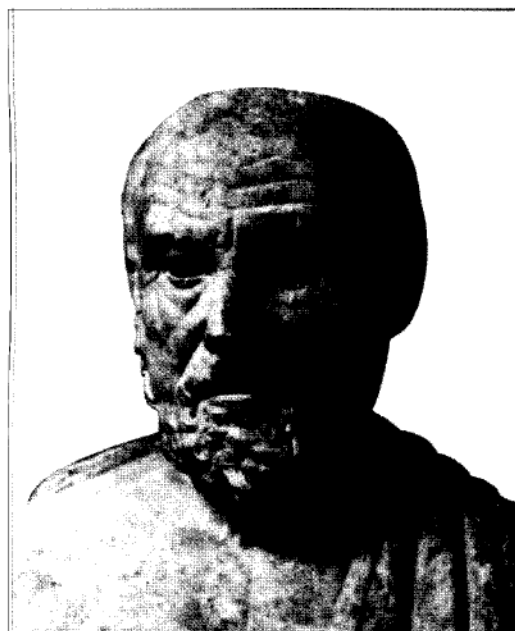
Como a criação da medicina hipocrática marca o ingresso de nova ciência na área do saber científico, e como Sócrates e Platão foram amplamente influenciados pela medicina, que, nascida da mentalidade filosófica, estimulou por sua vez a especulação filosófica, devemos falar mais detalhadamente sobre as maiores obras do *Corpus Hippocraticum*. A esse respeito, W. Jaeger escreve: "Não exageramos quando dizemos

que a ciência ética de Sócrates, que ocupa o centro da disputa nos diálogos platônicos, *não teria sido pensável sem o modelo da medicina*, à qual Sócrates se remete tão freqüentemente. *A medicina lhe é mais afim do que qualquer outro dentre os ramos do saber humano então conhecidos*, compreendendo a matemática e as ciências naturais."

Vejamos, portanto, algumas das idéias hipocráticas mais famosas (a tradução das passagens que citaremos foi extraída de *Opere di Ippocrate*, organizada por M. Vegetti, Utet, Turim).

2 O "mal sagrado" e a redução de todos os fenômenos mórbidos à mesma dimensão

Na antiguidade, o "mal sagrado" era a epilepsia, pois era considerada efeito de causas não-naturais e, portanto, consequência de intervenção divina. No lúcido escrito



Hipócrates é o criador da medicina científica grega e é figura emblemática que representa "o médico" (ainda hoje os médicos pronunciam o "Juramento de Hipócrates").

que leva esse título, Hipócrates demonstra a seguinte tese, de modo exemplar.

a) A epilepsia é considerada "mal sagrado" porque se apresenta como fenômeno estupefaciente e incompreensível.

b) Na realidade, porém, há doenças não menos estupefacientes, como certas manifestações febris e o sonambulismo; portanto, a epilepsia não é diferente dessas outras doenças.

c) Assim, ignorância foi a causa que levou a considerar a epilepsia como "mal sagrado".

d) Assim sendo, aqueles que pretendem curá-la com atos de magia são embusteiros e impostores.

e) Ademais, tais pessoas estão em contradição consigo mesmas, pois pretendem curar com práticas humanas males julgados divinos, de modo que essas práticas, longe de serem expressões de religiosidade e devoção, são ímpias e atérias, porque pretenderiam exercer um poder sobre os deuses.

O poderoso racionalismo dessa obra revela-se de particular importância, pois Hipócrates, longe de ser ateu, mostra ter compreendido perfeitamente a importância do divino, ao sustentar precisamente nessas bases a impossibilidade de misturar o divino, de modo absurdo, com as causas das doenças. As causas de todas as doenças pertencem a uma única e mesma dimensão. Escreve ele: "(...) não creio que o corpo do homem possa ser contaminado por um deus, o mais corruptível pelo mais sagrado. Todavia, mesmo que seja contaminado ou, de qualquer modo, atingido por um agente externo, por um deus será purificado e santificado antes que contaminado. Certamente, é o divino que nos santifica, purifica e limpa dos nossos erros gravíssimos e ímpios: nós mesmos traçamos os limites dos tempos e recintos dos deuses para que não os ultrapasse ninguém que não esteja puro e, ao entrar neles, nos aspergimos, não porque estejamos a ponto de nos contaminar, e sim para nos limpar se já carregamos alguma mancha sobre nós."

Qual é, então, a causa da epilepsia? É uma alteração do cérebro *derivada das mesmas causas racionais de que derivam todas as outras alterações morbosas*, uma "adição" ou "subtração" de secura e umidade, calor e frio etc. Portanto, conclui Hipócrates, quem, "pelo regime, sabe determinar nos homens a secura e a umidade, o frio e o calor, também pode curar esse mal, se conse-

guir perceber o momento oportuno para um bom tratamento, sem qualquer purificação ou magia”.

3 A descoberta da correspondência estrutural entre as doenças, o caráter do homem e o ambiente

O tratado *Sobre as águas, os ventos e os lugares* está entre os mais extraordinários do *Corpus Hippocraticum*. É impossível o leitor atual não ficar estupefato diante da “modernidade” de algumas opiniões nele expressas.

As teses de fundo são duas.

1) A primeira constitui uma ilustração paradigmática do que já destacamos acerca da própria apresentação da medicina como ciência, derivada do discurso dos filósofos na sua estrutura racional. Considera-se o homem no *complexo* em que se encontra naturalmente inserido, ou seja, no contexto de todas as coordenadas que constituem o ambiente em que vive: as estações, suas mudanças e suas influências, os ventos típicos de cada região, as águas características dos lugares e suas propriedades, as posições dos lugares, o tipo de vida dos habitantes. O “pleno conhecimento de cada caso individual”, portanto, depende do conhecimento do conjunto dessas coordenadas, o que significa que, para compreender a parte, é preciso compreender o todo ao qual a parte pertence. A natureza dos lugares e daquilo que os caracteriza incide sobre a constituição e o aspecto dos homens e, portanto, sobre a saúde e sobre as doenças. O médico que deseja curar o doente deve conhecer precisamente essas correspondências.

2) A outra tese (a mais interessante) é que as *instituições políticas* também incidem sobre o estado de saúde e as condições gerais dos homens: “Parece-me que é por essas razões que são fracos os povos da Ásia — e, além disso, também pelas instituições. Com efeito, grande parte da Ásia é dirigida por monarquias. Onde os homens não são senhores de si mesmos e das próprias leis, mas submissos a déspotas, não pensam em se adestrar para a guerra, mas sim em como parecer inaptos para o combate.” A demo-



Esta antiga incisão representa Hipócrates, o grande médico da antiguidade. A ele, particularmente, deve-se a revisão das práticas médicas em termos “leigos”, com o conseqüente nascimento da ciência médica.

cracia, portanto, tempera o caráter e a saúde, ao passo que o despotismo produz efeitos opostos.

4 O manifesto da medicina hipocrática: “A medicina antiga”

Dissemos acima que a medicina é amplamente devedora da filosofia. Mas agora é necessário explicitar melhor essa afirmação. Surgida do contexto do esquema geral de racionalidade instaurado pela filosofia, a medicina teve de distanciar-se da filosofia *para não ser por ela reabsorvida*. Com efeito, a escola médica itálica usara dos quatro elementos de Empédocles (água, ar, terra e fogo) para explicar doença e saúde, vida e morte, caindo em um dogmatismo que esquecia a experiência concreta e que Hipócrates considera deletério. A *medicina anti-*

ga é uma denúncia desse dogmatismo e a reivindicação de um estatuto antidogmático para a medicina, uma independência em relação à filosofia de Empédocles. Escreve Hipócrates: “Estão profundamente em erro todos os que se puseram a falar ou escrever sobre medicina, fundamentando o seu discurso em um postulado, o *quente* e o *frio*, o *úmido* e o *seco* ou qualquer outro que tenham escolhido, simplificando em excesso a causa original das doenças e da morte dos homens, atribuindo a mesma causa a todos os casos, porque se baseiam em um ou dois postulados.”

Hipócrates não nega que esses fatores entrem na produção das doenças e da saúde, mas entram de modo muito variado e articulado, porque, na natureza, tudo está misturado junto (note-se aqui como, habilmente, Hipócrates vale-se do postulado de Anaxágoras, segundo o qual tudo está em tudo, precisamente para derrotar os postulados de Empédocles).

O conhecimento médico é um conhecimento preciso e rigoroso da *dieta conveniente* e de sua *justa medida*. Essa explicitação não pode derivar de critérios abstratos ou hipotéticos, mas apenas da experiência concreta, da “sensação do corpo” (parece-nos estar ouvindo um eco de Protágoras!).

O discurso médico não deve ser feito, portanto, em torno da *essência do homem geral*, sobre *as causas do seu aparecimento* e questões semelhantes. Deverá desenvolver-se em torno do *que é o homem como ser físico concreto que tem relação com aquilo que come, com aquilo que bebe, com o seu específico regime de vida e coisas semelhantes*.

As *Epidemias* (que significam “visitas”) mostram concretamente a agudeza que Hipócrates exigia da arte médica e o método do empirismo positivo em aplicação, como descrição sistemática e ordenada de várias doenças — únicos elementos sobre os quais podia basear-se a arte médica.

Essa imponente obra é toda perpassada por aquele espírito que, como já se observou justamente, está condensado no princípio com que se abre a célebre coletânea de *Aforismos*: “A vida é breve, a arte é longa, a ocasião fugaz, o experimento arriscado, o juízo difícil.”

Por fim, devemos recordar que Hipócrates codificou a “prognose”, que, como já se observou, representa no contexto hipocrático “uma síntese de passado, presente e futuro”: somente no arco da visão do

passado, do presente e do futuro do doente é que o médico pode projetar a terapia perfeita.

5 O “Juramento de Hipócrates”

Hipócrates e sua Escola não se limitaram a dar à medicina o estatuto teórico de ciência, mas também chegaram a determinar com lucidez verdadeiramente impressionante a *estatura ética* do médico, o *ethos* ou identidade moral que deve caracterizá-lo. À parte o pano de fundo social bem visível no comportamento expressamente tematizado (antigamente, a ciência médica passava de pai para filho, relação que Hipócrates identifica com a existente entre mestre e discípulo), o sentido do juramento se resume numa proposta simples que, em termos modernos, poderíamos expressar assim: médico, lembra-te de que o doente não é uma coisa ou um meio, mas um fim, um valor, e portanto comporta-te conseqüentemente.

Eis o juramento integral: “Por Apolo médico, por Esculápio, por Higiéia, por Pannácia e por todos os deuses e deusas, invocando-os como testemunhas, juro manter este juramento e este pacto escrito, segundo minhas forças e meu juízo. Considerarei quem me ensinou esta arte como a meus próprios pais, porei meus bens em comum com ele e, quando tiver necessidade, o pagarei do meu débito e considerarei seus descendentes como meus próprios irmãos, ensinando-lhes esta arte, se desejarem aprendê-la, sem compensações nem compromissos escritos. Transmitirei os ensinamentos escritos e verbais e toda outra parte do saber a meus filhos, bem como aos filhos de meu mestre e aos alunos que subscreveram o pacto e juraram segundo o uso médico, mas a mais ninguém. Valer-me-ei do regimento para ajudar os doentes, segundo minhas forças e meu juízo, mas me absterei de causar dano e injustiça. Não darei a ninguém nenhum preparado mortal, nem mesmo se me for pedido, e nunca darei tal conselho; também não darei às mulheres pessários para provocar aborto. Preservarei minha vida e minha arte puras e santas. Não operarei nem mesmo quem sofre do ‘mal da pedra’, deixando o lugar para homens especialistas nessa prática. Em to-

das as casas em que entrar, irei para ajudar os doentes, abstendo-me de levar voluntariamente injustiça e danos, especialmente de qualquer ato de libidinagem nos corpos de mulheres e homens, livres ou escravos. Tudo aquilo que possa ver e ouvir no exercício de minha profissão e também fora dela, nas minhas relações com os homens, se for algo que não deva ser divulgado, calar-me-ei, considerando-o como segredo sagrado. Se mantiver este juramento e não rompê-lo, que me seja dado desfrutar o melhor da vida e da arte, considerado por todos e sempre honrado. No entanto, se me tornar transgressor e perjuro, que me suceda o contrário disso.”

Talvez nem todos saibam, mas ainda hoje os médicos prestam o “juramento de Hipócrates”, mostrando a que ponto a civilização ocidental é devedora dos gregos.

6 O tratado “Sobre a natureza do homem” e a doutrina dos quatro humores

A medicina hipocrática passou para a história como a medicina baseada na doutrina dos *quatro humores*: “sangue”, “fleuma”, “bílis amarela” e “bílis negra”.

Ora, no *Corpus Hippocraticum* há um tratado, intitulado *Sobre a natureza do homem*, que codifica de modo paradigmático essa doutrina. Os antigos o consideravam como de Hipócrates, mas parece que o autor foi Políbio, genro de Hipócrates. Por outro lado, a rígida sistematização desse tratado *Sobre a natureza do homem* não se coaduna com o conteúdo de *A medicina antiga*. Na realidade, tudo o que Hipócrates dizia em *A medicina antiga* precisava ser completado teoricamente com um esquema geral que fornecesse os quadros dentro dos quais se deveria ordenar a experiência médica. Hipócrates falara de “humores”, mas sem definir sistematicamente seu número e suas qualidades. Também falara da influência do quente, do frio e das estações, como vimos, mas apenas como coordenadas ambientais. Políbio combinou a doutrina das *quatro* qualidades, proveniente dos médicos itálicos, com as doutrinas hipocráticas oportunamente desenvolvidas, compondo o se-



Hipócrates, miniatura tirada de um manuscrito bizantino (1340-1345).

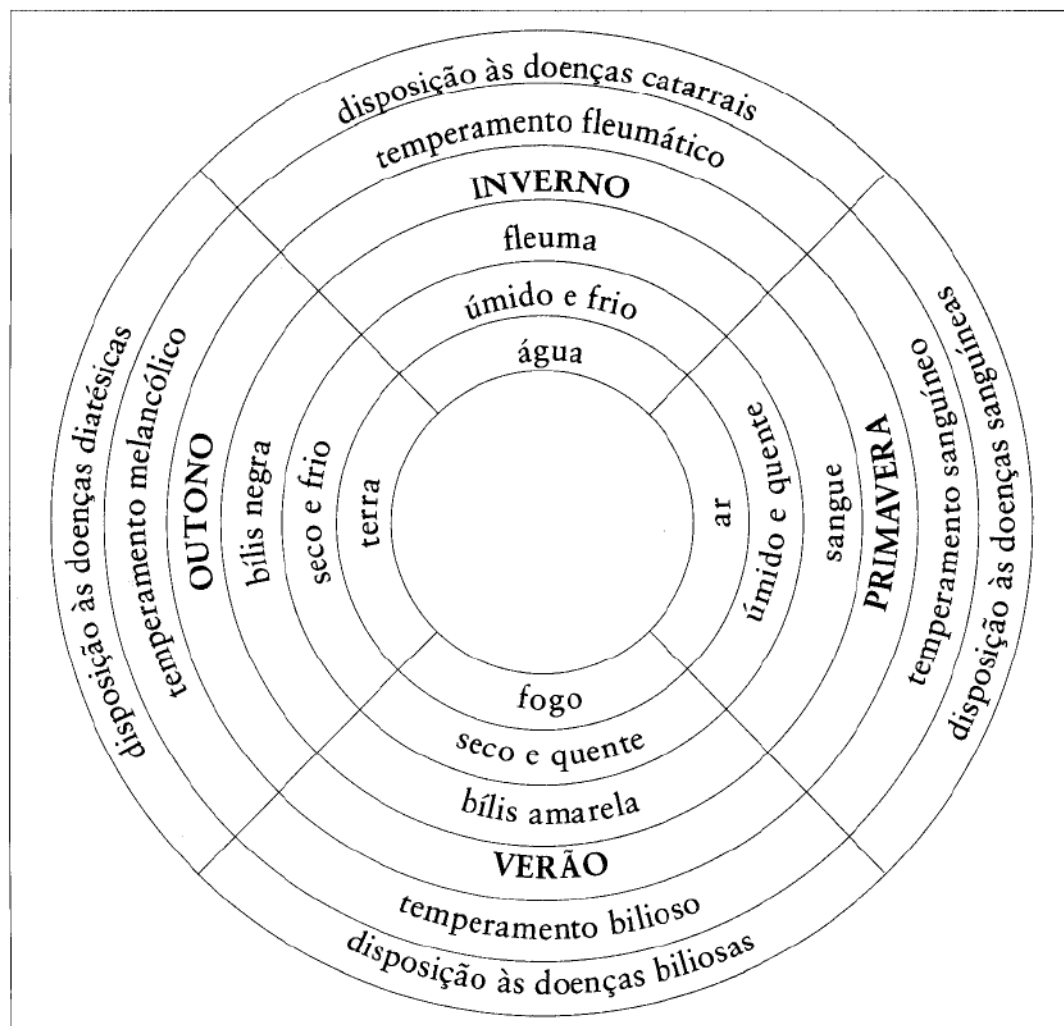
guinte quadro: a natureza do corpo humano é constituída por sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra; o homem está “sadio” quando esses humores estão “reciprocamente bem temperados por propriedade e quantidade” e a mistura é completa. Do contrário, está “doente” quando “há excesso ou carência deles” ou quando falte aquela condição de “bem temperados”; aos humores correspondem as quatro estações, bem como quente e frio, seco e úmido.

O gráfico da p. 128 ilustra bem esses conceitos, com algumas explicitações posteriores (o primeiro círculo representa os elementos de origem itálica; o segundo, as qualidades correspondentes; o terceiro, os humores; o quarto, as estações correspondentes e afins; os últimos dois círculos representam os temperamentos do homem e suas relativas predisposições para as doenças. Poder-se-ia também acrescentar as correspondentes fases da vida do homem, em si mesmas, mas elas são óbvias, devido à perfeita coincidência com as estações).

Este claro esquema, que conciliava instâncias opostas, e a síntese lúcida das dou-

trinas médicas nele baseada, garantiram imenso sucesso ao tratado. Galeno defenderá a autenticidade hipocrática do conteúdo desse texto e o completará com elabora-

da doutrina dos “temperamentos”, de sorte que o esquema se manteve como pedra de toque na história da medicina e ponto de referência durante dois milênios.



VI. Conclusões sobre Platão

• Platão sintetizou o próprio pensamento nas suas múltiplas dimensões no célebre “mito da caverna”, que se pode interpretar ao menos em quatro níveis:

1) em *nível ontológico*, segundo o qual aquilo que está dentro da caverna seria o mundo material e aquilo que está fora o mundo supra-sensível;

2) em *nível gnosiológico*, segundo o qual o interior da caverna representaria o conhecimento sensível (opinião) e o exterior da caverna o conhecimento das Idéias;

3) em *nível místico-teológico*, segundo o qual o interior e o exterior representariam respectivamente a esfera mundana material e a espiritual;

4) em *nível político*, porque implica um retorno à caverna de quem tinha conquistado sua liberdade, por solidariedade com os companheiros ainda prisioneiros, e com a finalidade de difundir a verdade.

O mito
da caverna
→ § 1-2

1 O “mito da caverna”

No centro da *República* encontramos um célebre mito, chamado “da caverna”. O mito foi interpretado sucessivamente como expediente utilizado por Platão para simbolizar a metafísica, a gnosiologia, a dialética e até mesmo a ética e a mística platônicas. É o mito que expressa Platão na sua totalidade — e com ele, portanto, pretendemos concluir.

Imaginemos homens que vivem numa caverna, cuja entrada se abre para a luz em toda a sua largura, com amplo saguão de acesso. Imaginemos que os habitantes dessa caverna tenham as pernas e o pescoço amarrados de tal modo que não possam mudar de posição e tenham de olhar apenas para o fundo da caverna. Imaginemos ainda que, imediatamente fora da caverna, exista um pequeno muro da altura de um homem e que, por trás desse muro e, portanto, inteiramente escondidos por ele, se movam homens carregando sobre os ombros estátuas trabalhadas em pedra e em madeira, representando os mais diversos tipos de coisas. Imaginemos também que, por trás desses homens, esteja acesa uma grande fogueira e que, no alto, brilhe o sol. Finalmente, imaginemos que a caverna produza eco e que os homens que passam por trás do muro estejam falando de modo que suas vozes ecoem no fundo da caverna.

Se isso acontecesse, os prisioneiros da caverna nada poderiam ver além das som-

bras das pequenas estátuas projetadas no fundo da caverna e ouviriam apenas o eco das vozes. Entretanto, acreditariam, por nunca terem visto coisa diferente, que aquelas sombras eram a única e verdadeira realidade e que o eco das vozes representasse as vozes emitidas por aquelas sombras. Suponhamos, agora, que um daqueles prisioneiros consiga desvencilhar-se dos grilhões que o aprisionam. Com dificuldade, ele se habituaria à nova visão que lhe apareceria. Habitando-se, porém, veria as estatuetas se moverem por sobre o muro e compreenderia que elas são muito mais verdadeiras do que as coisas que antes via e que agora lhe parecem sombras. Suponhamos que alguém traga nosso prisioneiro para fora da caverna e do outro lado do muro. Pois bem, primeiramente ele ficaria ofuscado pelo excesso de luz; depois, habituando-se, veria as coisas em si mesmas; por último veria, inicialmente de forma reflexa e posteriormente em si mesma, a própria luz do sol. Compreenderia, então, que estas e somente estas são as realidades verdadeiras e que o sol é a causa de todas as outras coisas visíveis.

2 Os quatro significados do mito da caverna

O que simboliza o mito?

1) Antes de tudo, o mito da caverna traduz os diversos graus em que ontologi-

camente se divide a realidade, isto é, os gêneros do ser sensível e supra-sensível com suas subdivisões: as sombras da caverna simbolizam as aparências sensíveis das coisas; as estátuas, as próprias coisas sensíveis; o muro representa a linha divisória entre as coisas sensíveis e as supra-sensíveis; as coisas verdadeiras situadas do outro lado do muro são representações simbólicas do ser verdadeiro e das Idéias, e o sol simboliza a Idéia do Bem.

2) Em segundo lugar, o mito simboliza os graus do conhecimento nas duas espécies e nos dois graus em que essas espécies se dividem: a visão das sombras simboliza a *eikasía* ou imaginação e a visão das estátuas representa a *pístis* ou crença; a passagem da visão das estátuas para a visão dos objetos verdadeiros e para a visão do sol, antes de forma mediata e posteriormente imediata, simboliza a dialética em seus vários graus e a intelecção pura.

3) Em terceiro lugar, o mito da caverna simboliza o aspecto ascético, místico e teológico do platonismo: a vida na dimensão dos sentidos e do sensível é a vida na caverna, assim como a vida na pura luz é a vida na dimensão do espírito. O voltar-se do sensível para o inteligível é representado expressamente como “libertação das algemas”, como conversão, enquanto a visão suprema do sol e da luz em si mesma é visão do Bem e contemplação do Divino.

4) O mito da caverna, entretanto, expressa ainda a concepção política tipicamente platônica. De fato, Platão menciona também um “retorno” à caverna por parte daquele que se libertara das algemas, retorno cuja finalidade consiste na libertação das cadeias daqueles em companhia dos quais ele antes fora escravo. Tal “retorno” representa certamente o retorno do filósofo-político, o qual, se atendesse apenas às solicitações de seu desejo, permaneceria atento à contemplação do verdadeiro. Superando, porém, seu desejo, desce à caverna na tentativa de salvar os outros (o verdadeiro político, segundo Platão, não ama o comando e o poder, mas usa o comando e o poder como serviço, para o bem). O que poderá, entretanto, acontecer a quem desce de novo

à caverna? Passando da luz para a escuridão, ele não conseguirá enxergar enquanto não se habituar novamente à falta de luz; terá dificuldades em se readaptar aos costumes dos antigos companheiros, se arriscará a não ser por eles entendido e, tomado por louco, correrá até mesmo o risco de ser assassinado, como aconteceu com Sócrates e como poderá acontecer a todo aquele que testemunhe em dimensão socrática.

Entretanto, o homem que “viu” o verdadeiro Bem deverá e saberá correr esse “risco”, pois é isso que dá sentido a sua existência.  4 5



O Partenon visto entre as colunas dos Propileus. Suas formas harmoniosas traduzem em termos arquitetônicos a atitude grega de reconhecer a verdade “racional” subjacente à realidade.

VII. A Academia platônica e os sucessores de Platão

• Platão cercou-se, a partir de 388 a.C., de uma série de discípulos e fundou uma Escola (a Academia) em que se ensinavam as mais variadas disciplinas (matemática, astronomia, medicina, retórica).

Com sua morte a direção dessa Escola foi assumida pelo sobrinho Espeusipo e a seguir por Xenócrates: estes acentuaram mais a doutrina dos Princípios (Uno/Díade), do que a teoria das Idéias, salientando assim uma visão matematizante da realidade.

*A Academia
platônica
→ § 1-4*

Sucessivamente, com Pólemon, Crates e Crantor, a Academia sofreu o influxo das instâncias culturais helenísticas.

Finalidade da Academia

A fundação da Escola de Platão é pouco posterior ao ano 388 a.C., representando um acontecimento memorável, pois na Grécia ainda não existiam instituições des-

se tipo. É possível que Platão, para obter o reconhecimento jurídico da Academia, a tenha apresentado como comunidade de culto consagrada às Musas e a Apolo, Senhor das Musas. Uma comunidade de homens dedicada à busca do verdadeiro bem poderia ser reconhecida legalmente sob essa forma.



*A Academia de Platão.
Mosaico proveniente
de Pompéia
(Nápoles,
Museu Arqueológico
Nacional).*

A finalidade da Escola não consistia na difusão de um saber preocupado com a erudição, mas era a preocupação de, através do saber e de sua organização, formar homens novos, capazes de renovar o Estado. Em suma, a Academia, enquanto Platão viveu, se fundamentou no pressuposto de que o conhecimento torna os homens melhores e, conseqüentemente, aperfeiçoa também a sociedade e o Estado.

Entretanto, embora visando sempre à realização desse objetivo ético-político, a Academia abriu suas portas a personalidades de formação extremamente diversificada e de várias tendências. Ultrapassando de muito os horizontes socráticos, Platão providenciou para que lecionassem na Academia matemáticos, astrônomos e médicos, que promoviam debates extraordinariamente fecundos. Eudóxio de Cnido, por exemplo, o mais célebre matemático e astrônomo daquela época, chegou até a participar dos debates sobre a teoria das Idéias.

2 Espeusipo

Todavia, já com Espeusipo, sobrinho e primeiro sucessor de Platão, que dirigiu a Academia de 347/346 a 339/338, iniciou-se a rápida decadência da Escola. Espeusipo negou a existência das Idéias e dos Números ideais e reduziu o mundo inteligível de Platão apenas aos “entes matemáticos”. Além destes, admitiu os planos das “grandezas”, o plano da “alma” e o plano do “sensível”, embora não tenha sabido deduzir estes planos de forma orgânica e sistemática, de princípios supremos e comuns.

3 Xenócrates

Espeusipo foi seguido por Xenócrates, que dirigiu a Academia de 339/338 a 315/314 a.C. Ele corrigiu as teorias de seu antecessor, Espeusipo, buscando uma posição intermediária entre estas e as teorias de Platão. O Uno e a Díade constituem os princípios supremos, e deles derivam todas as outras coisas. Xenócrates influenciou especialmente com sua tripartição da filosofia em 1) “física”, 2) “ética” e 3) “dialética”. Essa tripartição teve enorme sucesso, porquanto dela se serviram tanto o pensamento he-



Xenócrates dirigiu a Academia de 339/338 a 315/314 a.C., sucedendo a Espeusipo. A ele remonta a tripartição da filosofia em “física”, “ética” e “dialética”, que tanto sucesso terá no pensamento sucessivo.

nístico como o pensamento da época imperial para a fixação dos quadros do saber filosófico, segundo veremos.

4 Pólemon, Crates e Crantor

Após a morte de Xenócrates, no meio século subsequente, a Academia foi dominada por três figuras de pensadores, que realizaram tal mudança de clima espiritual que a Escola de Platão tornou-se quase irreconhecível. Esses pensadores foram Pólemon, que dirigiu a Escola; Crates, que sucedeu a Pólemon por breve período; e Crantor, companheiro e discípulo de Pólemon. Em seus escritos e ensinamentos, como também em seu modo de viver, já dominam as instâncias da nova época, às quais, porém, epicuristas, estoicos e céticos souberam conferir expressão bastante diferente, como veremos.

NATUREZA E FUNÇÃO DA ALMA HUMANA

